VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 11

SANTIAGO DE COMPOSTELA
2009

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos directivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Directivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu patrimônio é formado polas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceitos polo Conselho Directivo e cuja admissão seja ratificada pola Assembleia Geral.

Conselho Directivo

Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
eliasjose.torres@usc.es

1.ª Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra cristinacordeiro@hotmail.com

2.ª Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS; FAPA; CNPQ
regina.zilberman@gmail.com

Secretária-Geral: M. Carmen Villarino Pardo carmen.villarino@usc.es

Vogais: Anna Maria Kalewska (Univ. de Varsóvia); Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Claudius Armbruster (Univ. Colónia); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Mirella Márcia Longo Vieira de Lima (Univ. Federal da Bahia); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Sebastião Tavares de Pinho (Univ. Coimbra); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

Conselho Fiscal

Fátima Viegas Brauer-Figueiredo (Univ. Hamburgo); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Laura Calcavante Padilha (Univ. Fed. Fluminense).

Associe-se pela *homepage* da AIL: www.lusitanistasail.net
Informações polos *e-mails*:
ailusit@ci.uc.pt

Veredas
Revista de publicação semestral

Volume 11 – Maio de 2009

Director:
Regina Zilberman

Director Executivo:
Benjamin Abdala
Junior

Conselho Redactorial:
Aníbal Pinto de Castro, Axel Schönberger, Cleonice Berardinelli, Fernando Gil, Francisco Bethencourt, Helder Macedo, J. Romero de Magalhães, Jorge Couto, Maria Alzira Seixo, Marie-Hélène Piwnick, Ria Lemaire. Por inerência: Anna Maria Kalewska, Claudius Armbruster, Cristina Robalo Cordeiro, Elias J. Torres Feijó, Fátima Viegas Brauer-Figueiredo, Helena Rebelo, Isabel Pires de Lima, Laura Cavalcante Padilha, M. Carmen Villarino Pardo, Mirella Márcia Longo Vieira de Lima, Onésimo Teotónio de Almeida, Petar Petrov, Raquel Bello Vázquez, Sebastião Tavares de Pinho, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Thomas Earle.

Redacção:
VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas
Endereço eletrónico: ailusit@ci.uc.pt

Realização:
Coordenação: Maria de Fátima Viegas Brauer-Figueiredo, Markus Schäffauer, Martin Neumann
Revisão: Laura Blanco de la Barrera
Desenho da Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:
Unidixital, Santiago de Compostela, Galiza
ISSN 0874-5102

AS ACTIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS
TÊM O APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES E DA
CONSELHARIA DA CULTURA DA JUNTA DA GALIZA

SUMÁRIO

EDITORIAL.....9

NOTA DE APRESENTAÇÃO.....11

I. REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS
CARLOS MENDES DE SOUSA
Cartas para Miguel Torga.....21

CRISTINA ROBALO CORDEIRO
Miguel Torga: A Casa e os Livros.....35

PAULA ISABEL SANTOS & CARLA BASTOS
Miguel Torga – Das Raízes para a Imortalidade.....45

MARIA MANUELA GOUVEIA DELILLE
Memória, silêncios e ficção em *O Quarto Dia* de
A Criação do Mundo e no *Diário I* de Miguel Torga.....59

INÊS ESPADA VIEIRA
Contar a Guerra e Vencer as Batalhas da Liberdade.....77

II. À PROCURA DE IDENTIDADE
MARIA DE FÁTIMA MARINHO
Miguel Torga e a Memória do Passado.....93

PAULO DE MEDEIROS
Palavras Gastas.....101

ORLANDO GROSSEGESSE
Torga em Saramago. *Dos Poemas Ibéricos* à *Jangada de Pedra*.....109

EBERHARD GEISLER
O que é o humano? Leitura psicanalítica da obra de Miguel
Torga.....131

III. SER ARTISTA
CLARA CRABBE ROCHA
A Lição de Bambo.....155

ELIAS J. TORRES FEIJÓ
A geo-cultura original dos contos de Miguel Torga e o seu progressivo desaparecimento: De *Bichos* a *Novos Contos da Montanha*.....167

HENRY THORAU
Ainda por descobrir – Miguel Torga como dramaturgo.....185

MARIA ANTÓNIO FERREIRA HÖRSTER
Miguel Torga e a literatura de expressão alemã à luz do seu *Diário*.....199

ISABEL MARIA FIDALGO MATEUS
Viajar com Miguel Torga em Portugal.....233

IV. AS TÉCNICAS DO NARRADOR
ANA LUÍSA VILELA
A *Lei do Sangue*: representação física e poética do corpo nos últimos contos de Torga.....251

JOACHIM MICHAEL
A violência nos contos de Miguel Torga.....267

TERESA ARAÚJO
"O Cobarde" e "Requiem": clandestinidade e alegoria.....287

TERESA CRISTINA CERDEIRA
Jorge de Sena e Miguel Torga: o discurso bíblico na biblioteca do artesão.....299

KARL HEINZ DELILLE
O conto "Vicente" e as suas traduções alemãs.....315

V. A ARTE DO POETA
MARIA MADALENA MARCOS CARLOS TEIXEIRA DA SILVA
Da leitura do *eu* à leitura do *outro*. Expressão poética e comunicação.....333

MARIA LÚCIA DAL FARRA
Um semblante de mulher: leitura da *Antologia Poética*.....347

LUÍSA COSTA-HÖLZL
Aninhar o Menino Jesus no entendimento – Torga e o Natal, 30 poemas.....359

OS/AS AUTORES/AS 373

NORMAS DE EDIÇÃO.....383

EDITORIAL

A partir do próximo número, a revista *Veredas,* tendo como objetivo aumentar o impato científico dos artigos publicados, apresentará algumas modificações, tal e como acordado na Direção da AIL. A mais importante é que, por regra geral, os números deixarão de ser temáticos –reservando esta modalidade para ocasiões excecionais- e haverá, no entanto, uma chamada para artigos permanentemente aberta para todas as investigadoras e investigadores que desejarem enviar os seus contributos, que serão avaliados de forma anónima por especialistas alheios ao conselho redatorial, de modo a garantir a qualidade científica dos trabalhos.

Com o mesmo objetivo de aumento da difusão e da consideração da nossa revista, a *Veredas,* que é acessível na internet desde o número 11, desaparece com a presente edição como publicação em papel. As mudanças que se estão a produzir nos últimos anos e cada vez mais velozmente no âmbito das publicações científicas mostram que este é o caminho que deverão seguir todas as revistas que aspirem a ser indexadas e consideradas polos critérios e modelos de avaliação reconhecidos polas universidades e outras instituições investigadoras.

Fazemos, pois, desde estas páginas uma chamada a todos os pesquisadores e a todas as pesquisadoras no âmbito das Ciências Sociais e Humanas para o envio dos seus artigos relacionados com qualquer aspeto da língua e das culturas lusófonas, sublinhando que valorizaremos especialmente aqueles trabalhos que adoptarem nas suas metodologias e nos seus objetos de estudo uma perspectiva inovadora e interdisciplinar.

A direção da revista e da Associação Internacional de Lusitanistas confia em que estas inovações darão como resultado uma melhor e maior valorização tanto da própria *Veredas* como das autoras e autores que colaborarem com as suas publicações.

Santiago de Compostela, Maio de 2009

Elias J. Torres Feijó
(Diretor)

Raquel Bello Vázquez
(Diretora executiva)

NOTA DE APRESENTAÇÃO

No dia 12 de Agosto de 2007 celebrou-se o centenário do nascimento de Miguel Torga (1907–1995). Ora, por um lado, concede-se ao escritor obsequiado por prémios literários o mérito de se ter gravado na memória do século XX e de o ter profundamente marcado com a sua obra; por outro lado, porém, a vida deliberadamente retirada do autor, o seu indomável desejo de liberdade e a sua recusa absoluta em seguir as tendências ou modas literárias, em se deixar integrar em preconceitos estereotipados levantaram desde sempre problemas quanto à sua classificação literária. Este rápido diagnóstico dá origem à suspeita de que é talvez nas contingências do século XX que é preciso procurar uma explicação da personalidade e das obras de Miguel Torga.

São os contos a parte mais famosa da sua vasta obra, são eles que atraem admiração unânime pela sua arte. No entanto, já a sua usual classificação como testemunho regionalista da povoação rural e dos seus modos de (sobre-)viver no Norte montanhoso de Portugal se torna difícil, ao tomar-se em consideração a problemática existencialista que subjaz a todos. E a dificuldade vai aumentando ainda diante dos contos *urbanos* do Autor (por exemplo, "Rua").

Uma outra espécie de embaraço, desta vez quanto ao género literário, é provocado pelo seu *Diário*, obra monumental de 16 volumes, publicados entre 1941 e 1993. Sobre fundo só muito parcialmente autobiográfico vemos amalgamarem-se história contemporânea, crítica da cultura e da sociedade, trechos de prosa, poemas, reflexões poetológicas e muitos outros géneros numa criação híbrida, quase monstruosa mas nem por isso menos fascinante, até porque se recusa a todas as tentativas de categorização da parte da crítica literária. No caso dos seis volumes d'*A Criação do Mundo* (1938-1981), Torga encena um jogo transgressivo semelhante ao género da autobiografia.

O cunho existencialista de Miguel Torga torna-se evidente na sua voluminosa obra poética. São constantes e recorrentes as alusões e pontos de contacto com as tradições cristãs e a antiguidade. Porém, na maioria dos casos estas referências são invertidas, postas ao serviço de uma religião da imanência (como, por exemplo, n'*O outro livro de Job* ou em *Orfeu rebelde*). Até ao presente, as peças teatrais de Torga, com títulos como *Mar* ou *Terra*, tal como o seu romance *Vindima,* não têm despertado muito interesse da crítica literária. No entanto, nos últimos anos vários críticos, entre os quais Maria Alzira Seixo, têm reivindicado uma revalorização desses textos pouco conhecidos. Por outras palavras, a obra de Torga apresenta-se multiforme, complexa e de difícil alcance. Pensa Eduardo Lourenço que a originalidade da obra se baseia no seu arcaísmo, mas esta suposição quadra mal com a crítica radical a Deus, pela qual sobretudo os contos de *Bichos* se tornaram famosos. Face a essas constatações aparentemente contraditórias, sobressai a questão das relações da obra de Miguel Torga com a modernidade, ou melhor, com o modernismo do século XX. Trata-se no seu caso da conjuração de um Portugal arcaísta, qual cosmos rural em irreversível via de extinção na segunda metade do século XX? Ou temos de interpretá-lo como o precursor de certas ideias (pós-?)modernas, sobretudo no que respeita à problemática do sujeito moderno, segundo as quais a humanidade está sujeita inevitavelmente a poderes, sublimes sim, porém nem sobrenaturais, nem divinos? E, finalmente, como se relaciona a escrita de Torga com Portugal? Por um lado, é lido como o cantor *par excellence* da sua pátria-mãe; por outro, não podemos esquecer que ele mesmo toma sempre uma distância crítica face a esse Portugal que tanto ama, mas que considera muitas vezes num contexto expressamente *ibérico*, desta maneira desmentindo qualquer suspeita de nacionalismo exacerbado.

Em suma, a obra de Miguel Torga levanta mais questões do que dá respostas ou certezas. O seu centésimo aniversário oferece uma ocasião propícia para uma nova aproximação à obra do autor, com uma distância crítica que convém a esta conjuntura simbólica. As questões e dificuldades mencionadas acima salientam a urgência

dessa revalorização. A produção literária de Torga acompanha e comenta a maior parte do século XX e a sua re-leitura, que constitui o alvo do Colóquio de Hamburgo, serve também à revisão múltipla do século passado, dos seus desenvolvimentos e contradições, em Portugal.

Os participantes neste número da *Veredas* dedicaram-se a este vasto projecto com as mais variadas interrogações e sob diferentes aspectos, que não visavam uma das habituais homenagens ou até uma cega apoteose do escritor transmontano, mas tentavam situar Miguel Torga e a sua variadíssima obra no contexto da literatura e da cultura (portuguesa, mas não exclusivamente) do século XX e, desse modo, explicar ou elucidar algumas das dúvidas e perplexidades que levanta.

Um primeiro bloco de contribuições pode ser resumido sob o título de *Referências (auto)biográficas*. Em "Cartas para Miguel Torga", Carlos Mendes de Sousa pretende dar a conhecer um dos seus trabalhos de investigação, isto é, a publicação de um volume de correspondência inédita dirigida ao escritor, que abrange o período de 1930 a 1994. Este conjunto de cartas inéditas, de autores nacionais e estrangeiros (entre eles Fernando Pessoa, Manuel Bandeira, Jorge Amado ou Jack Lang), oferece elementos valiosos e até agora na maior parte desconhecidos, que facilitam a compreensão de certos aspectos não só da história literária e cultural do século XX português, mas também do itinerário político, cívico e literário de Miguel Torga, o que leva à refutação pura e simples da imagem estereotipada do poeta deliberadamente solitário e incompreendido. Na sua contribuição "Miguel Torga: A Casa e os Livros", Cristina Robalo Cordeiro fala das dificuldades e das difíceis escolhas que teve de fazer quando aceitou o cargo de Conservadora da Casa-Museu Miguel Torga. O que se pode *mostrar*, *exibir* do interior da casa habitada pelo escritor ou da sua intimidade espiritual que espelhe de forma palpável as suas obras – sobretudo quando (como no caso de Miguel Torga) o despojamento monacal do poeta não favorece uma tal ostentação? Um problema mais abstracto da biografia de Miguel Torga é discutido por Paula

Isabel Santos e Carla Bastos no artigo "Miguel Torga – Das Raízes para a Imortalidade", onde sustentam numa leitura psiquiátrica ou psicanalítica segundo a qual o conceito da imortalidade simbólica está presente em todos os escritores. Dos cinco *modos* nos quais este desejo se manifesta –segundo Jay Lifton: o biológico, o criativo, o religioso, o natural e o experiencial– tornam-se evidentes sobretudo o modo natural e o modo biológico, tal como o modo criativo, na medida em que Torga, por um lado, nunca deixa as suas raízes e sublinha desde sempre a sua identidade telúrica, e por outro lado deixa de si uma obra artística que o eleva à imortalidade simbólica. Duas vezes é focalizado um aspecto bastante específico da biografia de Miguel Torga: a Guerra de Espanha. Em "Memórias, silêncios e ficção em *O Quarto Dia* de *A Criação do Mundo* e no *Diário I* de Miguel Torga", Maria Manuela Gouveia Delille concentra-se em duas facetas fulcrais nas duas versões existentes da narração da primeira viagem de Torga à Espanha dos anos da Guerra Civil: a auto-encenação de ambos os textos e a sua dimensão política, diferentemente acentuada numa versão e noutra, mas muito marcada em ambas. Contudo, além da análise das diferenças textuais entre as duas versões e as suas implicações na exegese, a contribuição tenta explicar com as circunstâncias biográficas do autor a ausência de qualquer alusão à Guerra Civil de Espanha, à Segunda Guerra Mundial e aos crimes do nacional-socialismo nas páginas do *Diário I* (de 1941), bem como nos volumes seguintes do *Diário*. "Contar a Guerra e Vencer as batalhas da Liberdade", de Inês Espada Vieira, salienta mais uma vez o impacto da Guerra Civil de Espanha na obra literária de Miguel Torga. Através de leituras de vários contos, do *Quarto Dia* d'*A Criação do Mundo* e de alguns poemas, a autora chega à conclusão de que todas estas escritas testemunham a inabalável fé de Torga no humano, que vai a par com o desejo absoluto de Liberdade e a firme intenção de lutar para alcançar esse ideal.

Uma segunda unidade temática foi constituída pela preocupação de Miguel Torga com a identidade, seja ela pessoal, portuguesa ou até ibérica. Em "Miguel Torga e a Memória do Passado", Maria de Fátima Marinho analisa a construção da

identidade nacional a partir da memória nos seus complexos envolvimentos entre a literatura e a história, no caso de alguns contos e dos *Poemas Ibéricos*. Partindo da tese de que a escrita é capaz de renegociar a importância de certos fenómenos factuais, a autora demonstra que Torga utiliza este poder para relativizar alguns dados da história oficial, contrastando-a com a *pequena história* do anti-herói, demonstrando assim a relatividade de qualquer verdade *inquestionável* e a importância do papel da memória para a constituição de qualquer identidade. Paulo de Medeiros pergunta-se num artigo intitulado "Palavras gastas" como funciona a construção do *eu* no *Diário*, visto que nele Torga aborda questões artísticas, literárias, sociológicas e políticas, primordiais para a compreensão dos processos de construção identitária a nível individual e colectivo. Um dos aspectos realçados incide sobre a relação do eu com os outros na sua dimensão ética (segundo algumas das premissas expostas por Levinas) assim como a representação da diferença. O título da análise de Orlando Grossegesse, "Torga em Saramago. Dos *Poemas Ibéricos* à *Jangada de pedra*", faz alusão ao facto de a crítica –apesar de chamar a ambos *telúricos* e *ibéricos*– evitar uma comparação entre Torga e Saramago e o próprio Saramago quase nunca falar de Torga. Grossegesse procura preencher esta lacuna, comentando a ascendência da "lição de coragem mental" (Unamuno) de Torga para a génese do *Manual de Pintura e Caligrafia*, onde Saramago tenta realçar o seu papel de inconformista com os regimes de Franco e Salazar. A aproximação de certas opiniões dos dois escritores culmina n' *A Jangada de Pedra*, nomeadamente no 'Adão ibérico' Pedro Orce. Um outro aspecto identitário é tratado na contribuição de Eberhard Geisler, "O que é o humano? Leitura psicanalítica da obra de Miguel Torga". O autor pergunta-se em que medida a psicanálise estrutural de Jacques Lacan pode contribuir para a compreensão da obra de Miguel Torga, visto que a teoria de Lacan situa o fenómeno do humano numa permanente confrontação com a ordem simbólica e pode desta maneira contribuir para uma melhor interpretação do problema da identidade. A partir da análise de alguns contos e de vários trechos do *Diário* que se ocupam da

persistência no limiar da ordem simbólica, chega à conclusão de que Torga, de vez em quando, põe em dúvida o facto de ter uma identidade fixa, imutável, ou professa até uma falta de identidade.

O subcapítulo *Ser Artista* abrange artigos que tratam da função do artista na nossa época, na nossa sociedade em geral, e talvez nem seja exagerado chamar a isso a sua missão. Todavia, num sentido muito lato do conceito, porque inclui o poeta *vates*, os intertextos que influem ou confluem na sua obra e, enfim, o infatigável cantor das belezas da terra pátria. Em "A lição de Bambo", Clara Crabbé Rocha propõe uma interpretação do sapo Bambo e do(s) seu(s) encontro(s) com o tio Arruda como uma lição de filosofia e um estudo sobre a amizade. Depois de um fenómeno de *clinamen* (uma noção de Lucrécio), Bambo o sapo ensina ao homem a contemplação filosófica não só duma realidade nunca antes pressentida, que o conduz à arte de saber dirigir a sua vida, mas também da profunda comunhão de todos os seres vivos numa dimensão temporal que se torna cósmica. Assim, o sapo manifesta-se, no fim dos contos, uma espécie de metáfora do sábio e do poeta. No artigo "A geo-cultura original dos contos de Miguel Torga e o seu progressivo desaparecimento: De *Bichos* a *Novos Contos da Montanha*" Elias J. Torres Feijó lamenta que a recepção (não só) académica dos contos de Torga –nomeadamente das três colectâneas *Bichos*, *Contos da Montanha* e *Novos Contos da Montanha*– seja dominada por uma forte tendência para leituras predominantemente míticas ou lendárias, as quais esquecem ou distorcem com demasiada facilidade o vínculo existencial desses contos com o meio geo-cultural ao qual pertencem. Na sua contribuição "Ainda por descobrir – Miguel Torga como dramaturgo", Henry Thorau dedica-se a um lado pouco conhecido de Torga: às suas quatro peças de teatro, que do ponto de vista do conteúdo correspondem à temática geral do escritor e que, em termos de forma, se revelam bastante tradicionais e naturalistas. Porém, por exemplo em *Sinfonia*, esconde-se, sob a superficie tão convencional, um 'discurso poético' com inúmeras referências à arte poética, uma lição sobre o valor primordial da poesia ou a função do poeta –tudo isto, aliás, apresentado com uma auto-ironia tão

severa e amarga que deixa em aberto a questão de até que ponto a arte, a poesia poder desempenhar uma função qualquer. Em "Miguel Torga e a literatura de expressão alemã à luz do seu *Diário*", Maria António Ferreira Hörster tenta avaliar a importância que a literatura alemã assumiu para Miguel Torga, concluindo que havia pouca, em comparação com a influência de autores estrangeiros como Cervantes, Homero, Dante, Proust, Montaigne ou Shakespeare. Só Goethe, Thomas Mann, Rilke e Hölderlin, a par de poucos outros autores alemães, se destacam dessa confessada reticência ou estranheza de Torga perante o ambiente espiritual da literatura alemã. Quanto à sua influência na produção poética ou narrativa de Torga, observam-se pequenos incentivos –o romance de Thomas Mann no debate presencista sobre o género romanesco, o 'Dinggedicht' de Rilke, a crença de Hölderlin na força da palavra poética, etc.– mas, no fundo, Torga não consegue desprender-se duma imagem bastante estereotipada da cultura alemã. Um aspecto completamente diferente da personalidade do Artista é focalizado em "Viajar com Miguel Torga em *Portugal*", por Isabel Maria Fidalgo Mateus. A viagem física e cultural de Miguel Torga pelas catorze regiões da sua terra-"Mãe" não se lê como um mero guia turístico pelos turistas de massas, mas como uma análise lúcida da condição social da pátria a partir da sua essência predominantemente rural. Desta maneira o escritor-viajante, o 'turista ideal' consegue obter o difícil equilíbrio entre descrição objectiva, dum lado, e emotividade e subjectividade do outro –para si e para os seus leitores.

Várias contribuições dedicaram-se ao estudo da obra narrativa de Miguel Torga, nomeadamente a partir dos seus famosos contos, dos quais são investigados sobretudo alguns aspectos salientes de conteúdo. O título "*A lei do sangue*: representação física e poética do corpo nos últimos contos de Torga" de Ana Luísa Vilela é programático. A autora examina o facto de a representação do corpo físico constituir uma componente fulcral na ficção de Miguel Torga. Partindo dos conceitos desenvolvidos por Francis Berthelot duma semiologia da incorporação romanesca, a autora analisa os processos pelos quais a corporalidade das personagems,

dos temas e dos ambientes influi na escrita, aqui em particular nos contos de *Pedras Lavradas*: estes processos valem tanto pela estrutura como pelo discurso narrativo e não parece exagerado designá-los como a própria matéria-prima romanesca. Em "A violência nos contos de Miguel Torga", Joachim Michael elucida um aspecto muito paradoxal do Reino Maravilhoso de Torga. Esse Reino tão idealizado e cobiçado torna-se um palco pelo incansável esforço dos seres para existir, para sobreviver. Isso tem um lado grandioso, quase sublime, mas inclui também um lado violento, uma espécie de versão bruta e negativa da luta pela sobrevivência, uma violência que subjuga seres humanos e animais. E, no fundo, esta violência revela-se um castigo a que Deus submete essa terra. Na sua contribuição "'O Cobarde' e 'Requiem': clandestinidade e alegoria", Teresa Araújo focaliza a acentuada ocultação de referências ao contexto epocal português na configuração discursiva destes dois contos de temática política (que usa a omissão, o disfarce, o silêncio), interpretando este fenómeno como um reflexo dos protocolos do universo real da clandestinidade. Assim, os ecos da realidade histórica são submetidos a um processo de superação da sua contingência e guindados a um estatuto de matéria alegórica, com validade universal na concepção torguiana de História. Teresa Cristina Cerdeira aborda um aspecto igualmente central da obra de Torga, comparando-o com o seu tratamento em Jorge de Sena: o da religião. Em "Jorge de Sena e Miguel Torga: o discurso bíblico na biblioteca do artesão", a autora comenta o tecido de fios intertextuais que entrelaça textos da Génese e dois contos dos dois escritores dos anos trinta do século passado. Tanto Miguel Torga como Jorge de Sena ousam enfrentar e re-escrever histórias do Antigo Testamento (a do Paraíso e a da Arca de Noé), operando, em ambos os casos, uma inversão paródica; isto entendido não tanto como exercício retórico de rebaixamento, mas antes como ousadia de disputar com o modelo a função etiológica de interpretação do lugar do humano face ao divino, pervertendo os mitos de fundação e de refundação do mundo. Em "O conto *Vicente* e as suas traduções alemãs", Karl Heinz Delille apresenta um pormenorizado estudo da génese textual de *Vicente* a partir das várias publicações

do conto desde 1940 até 1976. A contribuição concentra-se ainda nas quatro traduções alemãs, colocando essas versões nos respectivos contextos históricos, cujas circunstâncias de publicação o autor elucida, comentando *en passant* as diversas tendências linguístico-estílisticas.

Num último bloco temático são reunidos artigos que se dedicam à vasta produção lírica de Miguel Torga. "Da leitura do *eu* à leitura do *outro*. Expressão poética e comunicação", Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva constata o facto de a poesia de Miguel Torga revelar –além da reconhecida e pronunciada praxe de auto-reflexão– um constante e consciente desejo de entrar em comunhão com os outros. O artigo incide sobre as múltiplas formas através das quais Torga procura implicar o leitor, seja na própria génese da obra seja no processo de produção de sentido, em nome de uma solidariedade que culmina na vontade do poeta de ser compreendido por todos. Uma questão difícil é tratada por Maria Lúcia Dal Farra em "Um semblante de mulher: leitura da *Antologia poética*", onde procura perscrutar o feminino, tema aparentemente um pouco descuidado pelo grande cantor das vicissitudes da existência humana e artista. Contudo, da análise da *Antologia* resulta que –no caso do feminino– se trata duma matéria fluida e quase imperceptível que se imiscui nos seus poemas como uma substância fecunda, a ponto de agir como uma espécie de fermento pela maioria das outras suas ideias. Isto é, a emblemática feminina - seja como interlocução implícita, como menção às origens; seja como mito ou personificação de alguma virtude, etc.– fertiliza a poética de Torga no sentido que a avizinha mais perto à realidade. Finalmente, Luísa Costa-Hölzl aborda uma vertente específica da produção poética de Torga em "Aninhar o menino Jesus no entendimento – Torga e o Natal, 30 poemas". Ao longo dos dezasseis volumes do *Diário* há várias reflexões em prosa e uma trintena de poemas dedicados ao Natal num ritmo anual bastante constante, em que Miguel Torga pretendia relembrar o nascimento do menino Jesus. Apesar de colhido através de entradas de cunho referencial, este núcleo natalício, retirado à poesia completa e lido em sequência cronológica, forma um outro texto, de imagens muito

densas, recorrentes, contraditórias, de metáforas de cunho religioso e/ou profano, de tom telúrico e/ou transcendente. A autora propõe uma leitura que identifique a religiosidade específica do *eu* poético à ocasião da celebração do Natal. Dessa maneira destaca-se uma postura que parece desejar dar tréguas à inquietação existencial e apaziguar, pelo menos durante um pequeno intervalo, uma rebeldia nata.

Resta esperar que esta breve visão de conjunto tenha dado uma impressão não só dos imensos tesouros ainda e sempre de novo a descobrir na obra tão multiforme de Miguel Torga, mas também do variadíssimo panorama de estudos torguianos, do qual este livro é um testemunho incontestável.

MARTIN NEUMANN em nome da Comissão Organizadora

VEREDAS 11 (Santiago de Compostela, 2009), 359-372

Aninhar o Menino Jesus no entendimento – *Torga e o Natal, 30 poemas*

LUÍSA COSTA HÖLZL
Universidade de Munique

Do registo de datas ou épocas recorrentes destaca-se ao longo dos dezasseis volumes do *Diário* a quadra do Natal à qual Miguel Torga dedica reflexões em prosa e uma trintena de poemas escritos, ou na véspera, ou no próprio dia de Natal. Se esta época merece a Torga algumas notações, é na sua opção quase anual pelo modo lírico que ele vai interiorizar aqueles momentos tradicionais, inscrevê-los na sua visão do mundo e dar-lhes um tom de hino, de meditação ou mesmo de prece.

O núcleo natalício, apresentado e lido em sequência cronológica constitui um texto de imagens muito densas, recorrentes, contraditórias, de metáforas de cunho religioso e/ou profano, de tom telúrico e/ou transcendente.

Este estudo detém-se nesse *corpus*. Ela pretende reler e identificar a religiosidade específica do eu poético quando da celebração do Natal. Dentro da lírica torguiana que tematiza a questão de e com Deus, estes poemas destacam-se ao assumirem uma postura que parece desejar dar tréguas à inquietação existencial e apaziguar uma rebeldia nata, como se essa data do ano abrisse caminho a uma revelação.

In the index of the recurring dates and epochs within the sixteen volumes of the *Diary* the period of Christmas stands out. **Miguel Torga** dedicates to it reflections in prose and in thirty poems that are written either on Christmas Eve or Christmas Day. Whenever Torga judges this period to be worth some annotations, by choosing the lyrical mode, he interiorizes these traditional moments, inscribes them into his conception of the world and gives them a tone of hymn, meditation or even prayer.
The core is Christmas. It is presented and read in chronological order and constitutes a text that consists of very dense, recurring, and contradictory images, as well as of religious and/or mundane metaphors, and is written in a tellurian and/or transcendental manner.
This article is restricted to this. It aims at examining and identifying the specific religiosity of the first-person poetic voice at the celebration of Christmas. Within the Torganian lyric, which has as subject matter the question of and (being) with God, these poems stand out in virtue of their apparent ambition to create a pause within the existential inquietude and to appease an innate rebelliousness –as if this date of the year would open the way to a revelation.

Propus-me abordar este tema não porque tivesse a intenção de trazer à exegese da poesia torguiana qualquer coisa de substancialmente novo, antes para fazer lembrar a existência destes trinta poemas de Natal. Neles incluo *História Antiga* que, sendo o único não datado do Natal, tematiza uma história pertencente à quadra. Incluo o poema do Natal de 1939 *Pietà* e incluo também, por serem escritos no Natal, apesar de não versarem de modo específico esta quadra, os poemas *Fonte Nova* e *Regresso*, respectivamente de 1946 e de 1951. Todos os outros 26 poemas estão datados do Natal e são claramente natalícios.

Primeiramente gostaria de observar que a lírica natalícia de Miguel Torga parece, numa leitura superficial, não diferir dos poemas natalícios de outros autores –penso aqui em Jorge de Sena ou em David Mourão-Ferreira, ambos tendo escrito regularmente acerca desta quadra (Graça Moura, 2005). Em todos eles se espelha aquilo que o Natal significa para todos nós: em podendo voltamos às origens, lá comemos e bebemos em família, seguimos rituais, profanos e religiosos, com muita ou com pouca crença ou mesmo

sem nenhuma e falamos vagamente de paz porque é tempo disso e os vinte versículos do evangelho de S. Lucas no-lo lembram. A ritualização e dela a nostalgia, mas também o questionamento e mesmo a desconstrução de ritos sentidos como obsoletos perpassam textos de poetas mais novos. O Natal continua a ser tema: como último resquício duma piedade estranhamente sancionada pela sociedade secular que lhe aproveita o brilho e a vontade de cada um em estar de bem com o próximo...

O repto de uma leitura desta trintena de poemas do *Diário* acrescentados de algumas entradas em prosa consiste em explicitar o que de eminentemente torguiano aqui se encontra e, dentro do *Diário*, o significado do registo do Natal no modo lírico. Pretendo detectar alguns tópicos que me parecem paradigmáticos e apontar para a especificidade desta lírica. Que, não tendo nada de panfletário não deixa de denunciar as injustiças deste mundo em contraste escandaloso com a mensagem de paz, não fazendo exegese bíblica não deixa de convocar o elenco da noite de Natal, não caindo nunca em sentimentalismos não deixa de reviver a emoção da data, não obedecendo em nada a dogmas ou doutrinas não deixa de ser uma devoção.

Diversamente da poesia natalícia dos seus pares, Torga não usa de qualquer ironia que questione a quadra, não critica consumismos opostos à mensagem bíblica, não põe nunca em dúvida o ritual, antes dele se apropria num gesto íntimo, solitário e narcísico, pois nele, ano após ano, se revê, num reencontro com a terra e com o céu.

Vários trabalhos têm incluído na análise do *Diário* os poemas de Natal, sublinhando a sua posição preponderante ao longo da escrita de Torga e apontando para eles ora como exemplo para a ritualização de certas datas (Vaz Ponce de Leão, 2005: 79-82) ora como testemunho das suas perplexidades com a transcendência (cf. Azeredo Lopes, 2005: 154-156).[1] Outros buscam nestes poemas provas duma fé abalada sim, mas não perdida (Henriques, 2007:

[1] Ou também Carlos Carranca (2002: 68-69).

117). Por respeitar o poeta -que sempre se defendeu do zelo missionário[2] -distancio-me de toda e qualquer leitura com a intenção de recolher ao redil a ovelha perdida...

Inserido em selectas e antologias e apresentado como próprio da quadra natalícia, *História Antiga* escrito em Outubro de 1937 e dado a lume no *Diário I*, foca o martírio dos inocentes (Mt. 2, 16-18). Chamar-lhe-ei o poema zero, o poema antes dos poemas que irão assinalar o Natal. Torga narra aí uma história na qual o sujeito lírico parece restringir-se à mera posição de observador. É em 1939, na prisão do Aljube, que o ritual de escrever pelo Natal um poema se inicia com o soneto *Pietá*, ritual esse que Torga fechará, em 1991, com *Eclipse*. No Aljube nenhum Menino o visita, o Deus feito homem é já o Jesus morto; nele incarnado, o Poeta jaz nos braços da *Pietá*. Numa vivência de intenso sofrimento e abandono, eminentemente não-natalícia, o poeta toma para si a *sepultura* e não o berço. O ritual da escrita natalícia instaura-se pois agonicamente do avesso.

A lírica claramente de Natal é iniciada com o poema de 1940, *Dia Santo*.

Dia Santo

Dia de sol e de Natal;
Andam guerras no mundo e dói-me a vista;
Mas, com Deus no Marão sem neve, não há mal
Que resista.

De mais, fora do tempo, este latim
Que o padre Bento sabe, basta
Para me transcender a mim
E a quantas más notícias o correio arrasta.

Assim, nestas duas quadras de rima cruzada, quase de sabor popular, apesar das irregularidades silábicas e dos encavalgamentos,

[2] «Ora se eu não acredito na eternidade, se a não concebo, se a não vejo, se a não sinto, porque não respeitam esta limitação?». (*Diário*, 16.6.1952, p. 635)

Torga começa a desenrolar os fios que irão cruzar-se e enovelar-se para formarem uma tessitura natalícia. O registo diarista do local – *S. Martinho de Anta*- e da época *Natal de 1940* é retomado dentro do poema. O espaço alarga-se para a região do Marão, e especifica-se o tempo: "*Dia* (...) *de Natal*" (v. 1), ao qual o título atribui santidade (*Dia Santo*). Esse dia é soalheiro e sem neve –o significante *neve* vai reaparecer noutros poemas como referência climática, que sublinha o retorno regular a uma região de inverno rigoroso, que em 1940 excepcionalmente não o foi. Neve surgirá em vários poemas como *verbum improprium*, cujos semas frialdade, brancura, pureza, leveza vão permitir metáforas várias e inesperadas. A referência temporal à data santa é acrescentada por uma informação menos santa: *andam guerras no mundo*, não porque o leitor desconheça este facto (o ano do registo di-lo claramente), mas porque esse estado do mundo influi sobre o eu, ao qual *dói(-me) a vista*. Os males do mundo surgirão de modo menos explícito noutros poemas de Natal, em 1959 é a *nudez do mundo* (*Estrela do Ocidente*), ou em 1966, o poeta lembra que "Todos os dias nascem/ Meninos pobres em currais de gado (Natal)". Certamente que estes males se encontram subjacentes à condição humana, repetidamente caracterizada como dolorosa (*dores*, *as minhas dores* in *Natal*, 1942): em 1951 o eu deixa para trás "*a terra morta/ dos versos que o desterro esfarelou* (*Regresso*), em 1959 pede que o levem *através do deserto desta vida* (*Estrela do Ocidente*)", em 1963 compara a vida a uma *batalha*, em 1974 lamenta que "a vida aconteceu/ sem nenhuma semelhança (*Natal*)". E a referência climática de 1987 "neste inverno gelado (*Natal*)" deixa entrever o frio interior do eu perante a ausência do Menino Deus. Por fim, em 1991 é o cenário da "prosaica desolação/ num quarto de hospital (*Eclipse*) que marca o desolado estado do *poeta traído*".

Os males são sobretudo os do eu, do seu próprio mundo, que fazem surgir atitudes de desolação, de indignação, de indagação, de arrependimento e só muito raramente de uma certa pacificação. Porém, em 1940 ainda havia Deus no Marão, por isso o eu pode constatar em tom descontraído que *não há mal/ que resista*. Porque

apesar dos sinais dos tempos, guerras e más notícias, ali se está "*fora do tempo*, o ritual decorre como sempre, incluindo o culto *este latim/ que o padre Bento sabe*", a língua que, mesmo que estudada, na reminiscência do ouvido infantil continua críptica e cheia de segredos, tantos que chegam para transcender o eu. O que aqui é somente uma afirmação de quem encontra neste ritual fora do tempo algum consolo –em flagrante contraste com o desconsolo do Natal anterior- tomará nos demais poemas outras proporções, pois eles irão glosar dos mais diversos modos aquilo a que Manuel Alegre chamou num recente artigo sobre Torga o seu *zangado diálogo com a ausência de Deus* (Alegre, 2007: 15). Também não mais serão referidos momentos concretos que, de algum modo, descrevam rituais religiosos ou profanos,[3] pois o eu irá recolher-se a um intimismo junto da lareira, onde convoca o elenco da quadra (bichos de estrebaria, o gado no curral, mirra, incenso e oiro, presépio, Rei Mago, Virgem Maria), mas apenas como pano de fundo, como cenário para a busca de consolo que terá lugar nas próprias emoções do eu.

Perpassa no poema de 1940 uma leveza que lembra alguns instantâneos desta época da lírica torguiana, leveza que só talvez em mais dois poemas natalícios (1948 e 1953) irá transparecer. A sensação do eu se encontrar aqui fora do tempo, ou, em 1950 *fiado no calendário* (*Natal*) é retomada no poema *Paz* de1963: *a vida* é *sem horário*, pois vive-se *num outro calendário*.

O facto pois de Torga registar a quadra sublinha-lhe o valor atemporal, em que *chronos* parece afastar-se para dar lugar a *kairos,* vivência dum momento particular e oportuno dentro da cronologia dos dias, *no coração da noite* (*Natividade*, 1958). Na passagem dos dias, ao virar mais uma página o poema regista: "*Leio o teu nome/ Na página da noite:/ Menino Deus*" (*Natal*, 1966) Em 1973 o poeta é simultaneamente *O mago desse arquivo de presságios* (*Natal*) que está ali para registar a data (e o que a ela está ligado). Este *kairos* é

[3] Isto no modo lírico, pois o ritual da matança do porco é referido (duas entradas em 1948, outra em 1953), dando a azo a reflexões sobre o seu significado; cf. Maria da Assunção Anes Morais (2007).

vivido e revivido todos os anos, constituindo uma das marcas dos poemas: a recorrência da data que requer escrita recorrente que por sua vez vinca reiteradamente a própria recorrência através de advérbios *sempre* e *novamente*, de locuções temporais como "*muitos anos, todos os anos, mais uma vez*, *nesta data exacta*, dos pronomes *mesmo* e *outro* e dos adjectivos *habitual*, *conhecido* (*já conhecido*) *pontual*, *ritual, familiar*, *fiel"*. O ritual instaurado – sempre o mesmo desde sempre e pelo tempo adiante- adquire uma dimensão de eternidade, de perenidade "*a do homem e das suas paixões eternamente renovadas e eternamente repetidas*" (*Diário*, 13.1.1946, p. 333).

Ao tempo liga-se o espaço que, segundo as informações das entradas, varia entre S. Martinho de Anta (12 vezes) e Coimbra (10 vezes), com algumas excepções como Coja, Aregos, Vila Cova ou Gaia. Dentro dos poemas o espaço é algumas vezes marcado, em 1952 através dos dois primeiros versos "*Natal fora de casa de meu Pai,/ Longe da manjedoira onde nasci"* –referência fulcral, pois o eu tematiza através do afastamento concreto da matriz, o seu próprio distanciamento da infância, sentida como perdida ou pelo menos quase esquecida. Se em *Fonte Nova* (1946) o eu havia *minado as fragas* e em *Regresso* (1951) o eu se encontra deitado *no colo dos penedos*, nos demais poemas o lugar do eu é dentro de casa onde *arde a ritual fogueira*. A este espaço se alude ao longo dos anos: *à volta da lareira*, *lareira acesa*, *nesta mesma lareira*. E o eu *encolhido à lareira* dá-nos parte das suas reflexões *com as achas* que vai *pondo na fogueira*. E festeja o solstício de inverno, em 1982, último Natal registado em S. Martinho, *à fogueira* dos seus *antepassados*. A lareira, *pars pro toto* do lar e simultaneamente seu sinónimo, acolhe o fogo do reencontro com a infância, com os mortos, com os ritos, é o lugar escolhido,[4] é o lugar de inspiração para o repetido monólogo do poeta, lugar do fogo onde *as*

---

[4] Várias anotações do *Diário* no-lo confirmam: "E eu aqui à lareira, debruçado sobre as brasas da murra sacramental" (*Diário*, 24.12.1968, p.1150/51). "*E a pôr destas achas na fogueira, aqui estou à espera que o Menino Jesus nasça...*" (*Diário*, 24.12.1976, p. 1328). "A braços com os meus fantasmas, que nunca deixam de estar presentes nesta data, vou atiçando o lume na lareira" (*Diário*, 24.12.1977, p.1354).

profundezas ígneas do ser (*Diário*, 14.8.1993, p.1766) farão irromper a própria poesia.

Atentemos no sujeito poético que, ano após ano, ao voltar a página dessa noite comprida põe a nu todo um manancial de sentimentos e reflexões, numa paz que se reconhece rebelde, numa rebeldia que se deseja pacífica. Cada poema do *Diário* é introduzido pelas indicações espaciais e temporais, isto é, os poemas não deixam nunca de ser entradas diaristas, de fazerem parte pois dum percurso cronológico que exactamente não se quer *cronologia dos dias* mas *parábola deles* (*Diário*, 3.8.1970, p. 1186). E se os registos em prosa já se querem parábola, isto é, transposição simbólica-metafórica do quotidiano, os poemas na sua concisão e imagética como que elevam a uma terceira dimensão *esse registo impresso dos meus dias* (Diário, 11.1.74, p. 1268). Por isso os poemas de Natal se distinguem das entradas em prosa, que, não deixando de ser poéticas (no sentido de evocar uma emoção estética), não atingem o fulgor da fala dos versos, secreta, mágica porque emitida por um mago da escrita, que primeiramente ou à superfície parece ainda lembrar o momento real, mas que, palavra a palavra, dele se afasta para o transfigurar. O poema de 1973, servindo-se do vocabulário da jurisdição, explicita a feitura que podemos transpor para todos os outros (e certamente não só dentro da lírica natalícia):

Todos os anos, nesta data exacta,
Momentos antes
De fechar o cartório
De poeta
-Um registo civil ultra-real-,
O mago desse arquivo de presságios
Regista de antemão o mesmo nome
No seu livro de assentos:
-Jesus... – repete com melancolia, (...)

O eu é aquele que regista. Que regista o seu tempo e o seu espaço, como já vimos, mas que, para além disso, num passe de

magia, ao registar o nome do recém-nascido demiurgicamente lhe dá vida. Cada poema contém mais ou menos velado o anúncio do *Velho Menino-Deus que me vens ver* (*Natal*, 1942). Cada poema dá conta dessa vinda ou da procura dessa vinda ou dessa vinda frustrada. O eu, maravilhado, encena a chegada milagrosa (*milagre pressentido*, *Natal*,1950) como os presépios da sua terra, onde bichos e natureza representam, mesmo que Deus não figure no *palco já conhecido* (idem). O eu é o poeta que se dá conta da estranheza daquele Menino, estranho porque não corresponde *à imagem conhecida*, porque o eu , na *sua noite de Natal fingida* (*Retábulo*, 1954) o faz nascer e renascer, acto criador como o do artista plástico. Por vezes o eu desaparece por detrás da *ritual fogueira.* A ela, em *Natividade* de 1958, cabe anunciar *o eterno milagre/ do nascimento*. Um ano mais tarde, em *Estrela do Oriente*, o eu mete-se na pele do Rei Mago, que se guia pela estrela: também ele desconhece o caminho, vai à demanda da Belém prometida, numa atitude entre o pedido e a ordem, cheio de incertezas, pois está ciente das coisas da terra: *Presépio é qualquer berço*, mas às outras, às do céu, só as adivinha. E as *filosofias sobre a eternidade* do Natal de 1952 transformam-se em perguntas *brancas, regeladas* dez anos mais tarde, onde o eu não se patenteia, antes se dilui num colectivo vagamente abstracto perante um *anjo dialéctico*. Em 1970 o Natal será *sem um anjo a cantar a cada ouvido*, mas num jogo melancólico de perguntas e respostas sobre o mito que se tornou *cadáver familiar*. Perguntas que se avolumam em 1972, o eu aqui representante do homem, *senhor de tudo* que cria e destrói mitos, num vaivém desesperado entre o milagre e a lucidez. E em 1974 as três sextilhas que repercutem em rima encadeada. como o badalar dos sinos, a palavra Natal, terminam com uma despedida: *Natal que aos poucos morreu/ No coração da criança*. Aqui o eu desaparece por detrás da criança que pode ser qualquer um, que se aperceba das ilusões da vida, cujo Natal é *só bonito na lembrança*. As juras de fraternidade e de humanidade, o *halo de luz divina* –tudo promessas vãs? Em 1979 *Natividade* assume uma postura de rebeldia, mas sem um eu que defenda essa posição, os infinitos acentuando o tom programático e distante.

Porém, pelo meio há Natais em que o eu encontra momentos de tréguas. Em 1953, os infinitos estáticos (*de ver nascer*, *a receber*) parecem satisfazer, num quadro harmónico, os apetites da fé: *Um Deus à nossa medida* e *a transcendência à lareira*. E, como o título indica, o poema *Paz* de 1963 ou também a meditação de 1966 -*E fico a meditar*– exprimem momentos de tranquilidade. Em *Loa*, de 1969, o eu, numa toada serena de versos curtos, maioritariamente agudos, que formam uma única unidade sintáctica dirigida ao Menino Jesus, confessa-se mortal:

É nesta mesma lareira,
E aquecido ao mesmo lume,
Que confesso a minha inveja
De mortal sem remissão
Por esse dom natural,
Ou divina condição,
De renascer cada ano,
Nu, inocente e humano
Como a fé te imaginou,
Menino Jesus igual
Ao do Natal
Que passou.

A mortalidade do eu não espera salvação, nem mesmo desse renascer anual, porque a fé é somente imaginada. E repare-se na heresia torguiana: ao reconhecer-se pecador (do pecado capital da inveja!), ao reconhecer a sua própria condição de mortal perante a *divina condição de renascer cada ano*, o eu entoa um cântico de louvor a esse nascimento!

Este um dos poemas em que o eu se patenteia claramente e em que sentimos o tema a afastar-se da realidade objectiva, mas sem caminhar para a abstracção, antes a recolher-se a um intimismo que deseja dialogar com a transcendência. Para este repetido diálogo o eu não só se apresenta –*aqui estou* (*Natal*, 1982)– mas também se afirma *fiel* (*Natal*, 1972) ao reencontro. Fidelidade que anseia por ser correspondida, que leva o eu a chamar à sua presença o Deus Menino. Se em vários poemas o Menino da fé da sua

infância implicitamente é evocado – *a transcendência à lareira* - , é nos poemas em que o eu explicitamente convoca o nascituro, que, conscientemente, vive a sua humanidade e, num processo doloroso, vai em demanda da divindade.

Deus, que, em 1940 ainda havia comparecido, em 1950 não representa e em 1953 quer-se tão-só à nossa medida: *menino divino e habitual*. Em *História Antiga* o pequenito que fugia de Herodes cresceu e tornou-se Deus –é no Natal que esse Deus (que havia usado do seu poder de "adulto" para *meter no inferno o tal das tranças*) vai renascer. Mais do que assinalar um nascimento de há 2000 anos, os poemas de Torga, num acto criador, actualizam esse nascimento e interiorizam o seu significado. Neste sentido não estamos longe dum teólogo como Bultmann e da sua religião sem mito, virada para uma interpretação existencial, isto é, que implica, que mexe com todo aquele que levanta as questões. E as questões porque sentidas como tão pessoais exprimem-se, nos últimos anos, exclusivamente em discurso directo, num tom de prece: ao Menino Jesus o poeta pede insistentemente *Nasce mais uma vez* (*Natal*, 1987). A antiga fidelidade parece restringir-se aos momentos pacificadores da noite de Natal, por isso o eu reclama a vinda do Menino Deus: *Nasce e fica comigo/ (...) Até que eu, infiel, te denuncie/ Aos Herodes do mundo*.

Perante um Menino Jesus feliz porque não cresceu, pois *continuas criança/ Nos meus versos* (*Natal*, 1988) o poeta apresenta os seus oitenta anos de desenganos. Depois, em 1990, confronta o nascimento do Menino Jesus com a sua própria morte (*Menino Jesus , que nasces/ Quando eu morro* in *Último Natal*, 1990). E por fim, em *Eclipse* (1991) desconsola-se porque *Pela primeira vez / não vieste ao poema*. Estes últimos poemas incluem, aliás como bastas anotações ao longo do *Diário*, pequenas poéticas (cf. Vaz Ponce de Leão, 2007: 78), isto é, ao encenar um diálogo com um ser transcendente (ou imaginado), o eu -aqui claramente configurado como poeta- fala sobretudo da sua própria poesia. São os seus versos que sonham esse Menino, que no apelo mesmo que ele nasça, que fique, o fazem nascer (e nascer para nós leitores). É

nos versos do poeta que o Menino continua criança –e com ele, num jogo de identificação, o próprio poeta. É o poema mesmo que o poeta oferece ao Menino, num gesto de devoção, mais, numa atitude expiatória (*Com ele me desobrigo e desengano* in *Último Natal*, 1990) rende-se à divindade do Menino, confessa humildemente, além da sua condição humana, o pecado mortal do poeta: *Não há poesia em mim que te mereça*. Apesar de todos os esforços, no fim da vida o poeta, num acto de auto-flagelação, reconhece a pobreza da própria poesia. Parece-me este *Último Natal*[5] encerrar aquela insatisfação torguiana, aquele desespero perante o próprio acto criador que, até ao fim, não lhe dá tréguas. Por isso *Eclipse* vai exacerbar ainda mais essa inquietação. Pois aqui, pela primeira vez, o Menino nem aparece, ele que foi ao longo de sessenta anos *Sol do eterno retorno / Da inspiração* por assim dizer não aceitou o poema *mal entoado* do ano anterior. Menino este que se oculta mas que no vocativo do discurso se manifesta. Menino que é a própria inspiração, ela também dolorosamente sentida ao longo de décadas de escrita como simultaneamente oculta e manifesta.

Por isso o ciclo dos poemas natalícios termina num protesto, porque o poeta –apesar da devoção, apesar de anos a fio ter aninhado o Menino no entendimento (*Desde que te aninhei/ no entendimento* in *Último Natal*, 1990), tê-lo interiorizado no seu espírito –ficou sempre em dívida, *pobre dessa fiança / tutelar* e aqui se reconhece *poeta traído / Que descrê / Da própria vocação* (*Eclipse*, 1991). Quem traiu o poeta ? A vida? O tempo? Em jogo encontra-se menos a crença numa transcendência, antes a crença na própria vocação de poeta. A noite de Natal do poeta, *fingida*, *imaginada*, era a que tinha feito nascer e renascer[6] o Menino Deus anualmente, o estranho Menino Deus do poeta que criava ele próprio o poema, assim em 1954: *É uma criança tímida que vem/*

---

[5] Poema levado a tribunal como prova de fé, cf. Berardino Henriques (2007), p. 130

[6] Cf. Álvaro Manuel Machado (2003), p. 224 : aí se cita um fragmento do *Diário* de Torga para provar o seu vitalismo; é também nesta linha de "fluxo vital" que se inscrevem os poemas que patenteiam a emoção perante um qualquer nascimento.

Visitar os meus sonhos, e, ao de leve,/ Com mãos discretas, tece / Um poema de neve/ Onde depois se deita e adormece. Quarenta anos mais tarde, nem criança tímida, nem poema de neve. Quem profanou o eterno retorno da inspiração ? A noite de Natal havia sido a grande noite da imaginação.[7] O poeta havia anunciado e feito o Menino nascer, à medida humana, havia transposto o milagre em que alguns acreditam –Deus feito homem– para o milagre da escrita, o milagre incarnado em poesia. Mas tudo "sem descanso, sem pacificação", como diz Clara Rocha.[8] O tema é retomado porque inesgotável e também sem resolução. Daí que os últimos poemas –ou os poemas dos últimos anos– exprimam o fracasso, a falência do discurso, a procura frustrada de um ente divino que traga de novo qualquer coisa de indefinível, talvez o estranho, surreal *brinquedo de arminho* pelo qual o eu havia chorado no Natal de 1942. Um ano e outro ano vem o Natal, um ano e outro ano o poeta procura a palavra. Numa espécie de balanço anual, em auto-julgamento, o poeta aproxima-se do rito matricial, toca a própria poesia e, ao tocá-la, ao sonhá-la, defronta-se com os abismos: *És divino e eu sou humano*. Ou, por outras palavras, tu és Poesia e eu sou (apenas) poeta.

Torga deixa-nos em testamento essa agonia de *descrer da própria vocação* que irá culminar no *Requiem* final: *o destino não quis/ Que eu me cumprisse como porfiei* (*Diário*, p. 1786).

Nós, seus leitores, conhecemos a verdade: o poeta cumpriu-se. O longo texto natalício de cinco décadas culmina num grito de protesto: *Aqui lavro o protesto/ De poeta traído/ Que descrê/ Da própria vocação,/ perdida a graça da iluminação/ De quem sonha o que vê*. (*Eclipse*, 1991)

Se a busca foi sempre por ele dolorosamente sentida como aquém daquilo que porfiava, nós sabemos que na sua poesia não se

---

[7] "Outra comprida noite.../ bonita só de ser imaginada, Natal, 1975; cueiros da imaginação ou Enquanto a Mãe / também imaginada", *Natal*, 1983.

[8] Clara Rocha (2002: 226): "Em Torga não há descanso, nem há pacificação. A expressão dessa inquietação é o incessante recomeçar do dizer (...)".

perdeu, não se perde, não se perderá nunca *a graça da iluminação/ De quem sonha o que vê* .

REFERÊNCIAS:

ALEGRE, Manuel. *A inquietação de Portugal*, in: Jornal de Letras, Artes e Ideias (Lisboa), n.º 961, 1 a 14.08.2007, 15

HENRIQUES, Bernardino. *Miguel Torga (quase) na primeira pessoa*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2007, 2

LOPES, Maria do Carmo Azeredo. *Miguel Torga. Uma poética de autenticidade*, Porto: Edição Universidade Fernando Pessoa, 2005.

MACHADO, Álvaro Manuel. *Miguel Torga, Raul Brandão e a herança pós-romântica de Victor Hugo*, 219-226, in: Álvaro Manuel Machado: *Do Ocidente ao Oriente. Mitos, Imagens, Modelos*, Lisboa: Editorial Presença, 2003.

MORAIS, Maria da Assunção Anes. *Entre Quem é! Tradições de Trás-os-Montes e Alto Douro no* Diário *de Miguel Torga*, Coimbra: Pé de Página Editores, 2007.

MOURA, Vasco Graça (coord.). *Natal...Natais. Oito séculos de Poesia sobre o Natal*, Lisboa: Público, 2005.

PONCE DE LEÃO, Isabel Vaz. *A Obrigação, a Devoção e a Maceração (O Diário de Miguel Torga)*, Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2005.

ROCHA, Clara. *O Diário de Miguel Torga: "Et si, de fortune, vous fichez votre pensée a vouloir prendre son estre..."*, in: M.Fátima Viegas Brauer-Figueiredo / Karin Hopfe (org.): *Metamorfoses do Eu: O Diário e outros Géneros Autobiográficos na Literatura Portuguesa do Século XX*, Frankfurt am Main: TFM, 2002.

TORGA, Miguel. *Diário*, 1. t.: v. I-VII: 1941 - 1959, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.

----. *Diário*, 2. t.: v. IX-XVI: 1960 - 1993, Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.

OS/AS AUTORES/AS

Carlos Mendes de Sousa é professor da Universidade do Minho. Co-director da revista de poesia *Relâmpago*. Coordenador da revista *Diacrítica* (série literatura). Tem-se dedicado especialmente ao estudo da literatura brasileira e da poesia portuguesa moderna e contemporânea. Dentre as suas publicações, destaque-se: *O Nascimento da Música. A Metáfora em Eugénio de Andrade*, 1992; *Clarice Lispector. Figuras da Escrita*, 2000; *Antologia da Poesia Experimental Portuguesa (anos 60–anos 80) (com* Eunice Ribeiro), 2004; *Miguel Torga (1907-1995). Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento de Miguel Torga* (Introdução, cronologia, pesquisa e selecção), 2007. Organizador do *Colloque International Miguel Torga,* realizado no Centro Cultural Calouste Gulbenkian de Paris, em 17 e 18 de Outubro de 2007.

Cristina Robalo Cordeiro é professora catedrática de Literatura francesa. Vice-reitora da Universidade de Coimbra. Directora da Casa-Museu Miguel Torga em Coimbra. Na presidência/directoria da Associação Internacional de Lusitanistas (AIL), vogal, encarregada da promoção do Centenário de Miguel Torga.

Paula Isabel Santos é Psicoterapeuta, docente universitária e doutoranda em Saúde Mental. Autora de alguns artigos/crónicas na área da Imortalidade Simbólica, Ansiedade Perante a Morte, Terrorismo e Saúde Mental.

Carla Bastos é Psicóloga Clínica.

Maria Manuela Gouveia Delille é professora Catedrática Jubilada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde se licenciou em Filologia Germânica, após ter frequentado durante três

semestres, como bolseira do *Deutscher Akademischer Austauschdienst* (Serviço de Intercâmbio Académico Alemão), a Universidade de Bonn, e onde em 1981 concluiu o Doutoramento em Literatura Alemã com uma dissertação sobre *A Recepção Literária de H. Heine no Romantismo Português (1844-1871)*, editada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda em 1984. Em 1994 fundou o *Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos* (CIEG), financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, de que foi Coordenadora Científica entre 1994 e 2006, e no âmbito do qual ainda dirige o Projecto «Relações Literárias e Culturais Luso-Alemãs. Estudos de Recepção e de Hermenêutica Intercultural», tendo publicado nessa área numerosos estudos em volume, antologias e revistas da especialidade e orientado quatro dezenas de dissertações de Mestrado e de Doutoramento. Em 2004, foi-lhe atribuído pelo *Deutscher Akademischer Austauschdienst* o Prémio *Jacob und Wilhelm Grimm* e, em Maio de 2008, a Universidade do Porto distinguiu-a com o grau de Doutor *honoris causa*.

Inês Espada Vieira é Assistente e Assessora Científica do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura, Faculdade de Ciências Humanas.

Maria de Fátima Marinho (Universidade do Porto) é professora catedrática, departamento de Estudos Portugueses e Românicos. Presidente do Conselho Científico. Numerosos estudos e artigos publicados. Membro de 9 júris de prémios literários entre 1990 e 2007, este último o Prémio Camões. Em 2005, na cerimónia do doutoramento Honoris Causa de Agustina Bessa-Luís pela Universidade do Porto, proferiu o elogio da doutoranda.

Paulo de Medeiros é professor catedrático. Iniciou estudos em Direito em Lisboa, tendo-se licenciado em Ciências Políticas e Anglística pela Universidade de Massachusetts em Boston e depois obtido o doutoramento em Literatura Comparada pela Universidade de Massachusetts em Amherst. Desde 1998 é Professor Catedrático

na Universidade de Utrecht nos Países Baixos, director do Departamento de Estudos Portugueses e coordenador do programa de Mestrado em Literatura e Cultura Ocidental. Editou recentemente uma colectânea de ensaios sobre Postcolonial Theory and Lusophone Literatures, publicada em Utrecht em 2007.

Orlando Grossegesse é formado em Filologias Românicas e Comunicação Social pela Universidade de Munique: 1986 Magister Artium, 1989 Doutoramento. Desde 1990, docente da Universidade do Minho (Braga), actualmente Prof. associado. Em 2004-08, Director do Departamento de Estudos Germanísticos (DEG) e Vice-Presidente do Instituto de Letras e Ciências Humanas (ILCH). Estudos no âmbito das Literaturas / Culturas Alemã, Portuguesa, Espanhola e Comparada. Publicações mais relevantes: *Konversation und Roman. Studien zum Romanwerk von Eça de Queiroz* (Stuttgart: Steiner 1991 [Phil. Diss. 1989]); *Saramago lesen. Werk – Leben– Bibliographie* (Berlin: tranvía 1998).
Eberhard Geisler nasceu em 1950 na cidade Bad Homburg (República Federal da Alemanha). Estudou Filologias Românica e Germânica nas Universidades de Francfurt/Meno, Madrid e Hamburgo. Licenciou-se, em 1978, na Universidade de Göttingen com uma tese sobre o tema do dinheiro na obra de Francisco de Quevedo. Foi assistente no Instituto de Literatura Geral e Comparada da Universidade Livre de Berlim (1981-1986) e no Instituto de Filologia Românica da Universidade de Erlangen-Nuremberga (1987-1988). Em 1991 doutorou-se na Universidade Livre de Berlim, apresentando uma tese sobre a obra do poeta francês Henri Michaux. Foi suplente de cátedra de Filologia Românica nas Universidades de Friburg/Breisgau, Kiel e Potsdam. Desde 1995 é catedrático de Literatura Espanhola e Portuguesa no Instituto de Filologia Românica da Universidade de Mainz.
É autor de vários artigos sobre toda a literatura ibérica. Traduziu Antoni Tàpies, J. V. Foix e Josep Pla do catalão para o alemão. Em 1990 ganhou o Prémio Nacional da Literatura Catalã (secção traduções). Em 2007 editou uma antologia bilingue da poesia

portuguesa contemporânea: *Die Landschaft füllt sich mit Zeichen. Neuere Lyrik aus Portugal* (Bamberg, Universitäts-Verlag).

Clara Crabbé Rocha é professora catedrática da Universidade Nova de Lisboa e tem dedicado a sua actividade académica ao estudo da Literatura Portuguesa do século XX. Doutorou-se em 1985, na Universidade de Coimbra, com uma dissertação intitulada *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, e publicou, além desse, os seguintes livros: *O Espaço Autobiográfico em Miguel Torga* (1977*), Os "Contos Exemplares" de Sophia de Mello Breyner* (1978), *O Essencial sobre Mário de Sá-Carneiro* (1985), *Máscaras de Narciso* (1992), *Miguel Torga – Fotobiografia* (2000) e *O Cachimbo de António Nobre e Outros Ensaios* (2003). Tem também colaborado em revistas e jornais, como *JL*, *Cadernos de Literatura*, *Colóquio/Letras*, *Vértice*, *Letras & Letras*, *Nova Renascença*, *Prelo, O Escritor*, *Letra Internacional*, etc. Foi professora convidada na Sorbonne em 2004. As suas principais áreas de investigação são o periodismo literário do século XX, a literatura autobiográfica e a poesia portuguesa contemporânea.

Elias J. Torres Feijó é professor Titular da Universidade de Santiago de Compostela (USC) e foi investigador convidado nas Universidades de Paris III, Universidade do Minho, Universidade Nova de Lisboa e a vários Congressos Internacionais.
Director do Grupo GALABRA e investigador principal de projectos e contratos sobre "Turismo e identidade", "Fabricação de ideias na Galiza contemporânea", "Relações culturais Galiza- Portugal", etc., tem publicações sobre teoria e metodologia de análise da literatura e da cultura, relacionamento na Lusofonia, literaturas portuguesa e galega. Foi Vice-reitor da USC e é o actual presidente da AIL.
Entre as suas publicações mais recentes estão "As leituras de *Bichos*: diferentes códigos culturais para apreender o mundo", *in A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi. Ponce de Leão* (ed.). Vol.: II, páginas, 57-72. Edições Universidade Fernando Pessoa, Porto, e "Já Camões não sou! A impossibilidade de

centralidade para Bocage no campo literário do século XIX", *in Leituras de Bocage*. Malato Borralho (ed.), páginas 155-17, Universidade do Porto, Porto, ambas de 2007; "A mais poderosa ponte identitária: Portugal e a Saudade no nacionalismo galego", *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em Homenagem a Dalila Pereira da Costa* (Natário, Braz Teixeira; Rocha e Epifânio, orgs.), pp.149-166, Lisboa: Zéfiro, de 2008; e, de 2009, "A fabricaçom de ideias sobre o mundo lusófono na literatura galega na década de 70: construçom em perspectiva", *Navegações,* Vol. 2, n.º 1, pp. 24-30, "A investigaçom do Grupo Galabra e os Estudos Lusófonos na Universidade de Santiago de Compostela", *Censura e Inter/dito. Censorship and inter/diction, IX Colóquio de Outono, Macedo e Keating,* (orgs.), Braga, Universidade do Minho, pp. 275-288, e com Joel Rodríguez Gômez, "Estudar Machado com a perspectiva queirosiana de Guerra da Cal: "A necessidade de um projecto canonizador demandado do Brasil", Matraga, n.º 23, pp. 11-26.

Henry Thorau ocupa a Cátedra Carolina Michaelis de Vasconcelos de Estudos Portugueses na Universidade de Trier, foi Director do Centro de Documentação sobre Portugal da Universidade de Trier (1997-2006), Presidente e Vice-presidente da Associação Alemã de Lusitanistas (1997-2003), Vogal da Associação Internacional de Lusitanistas (1999-2005), escreveu a sua tese de doutoramento sobre *Augusto Boals Theater der Unterdrückten in Theorie und Praxis* (1981), a tese de livre-docência sobre *Politisches Theater am Beispiel Brasilien* (1990).
Organizador das obras (e. o.): *Portugiesische Literatur*, Suhrkamp Verlag, Frankfurt am Main, 1997, e *Heimat in der Fremde*, Actas do VII Encontro Luso-Alemão, edition tranvía, Berlin, 2007.

Maria António Ferreira Hörster (Universidade de Coimbra) é Licenciada em Filologia Germânica pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Leitora de Português na Univ. de Bonn (1969-1973). Desde 1976 docente na FLUC. Doutoramen-

to em Literatura Alemã com a Diss. *Para uma história da recepção de Rainer Maria Rilke em Portugal (1920-1960)* (1993). Desde 1997 "Professora Associada" de nomeação definitiva. Docência: Lit. Alemã, Introdução aos Estudos Literários (licenciatura); Lit. Alemã, Tradução Alemão-Português, Teoria da Tradução (pós-graduação, cursos de Mestrado e de Doutoramento). Áreas de investigação: recepção de literatura de expressão alemã em Portugal, Estudos de Tradução (questões linguísticas da Tradução, aspectos de género, história e didáctica da Tradução). Coordenadora do "Curso de Especialização em Tradução" (2002-2007). Coordenadora do Mestrado em Tradução e do Doutoramento em Estudos de Tradução (FLUC). Membro do CIEG (Centro de Investigação em Estudos Germanísticos), onde coordena o Projecto de investigação "Linguística. Literatura. Tradução. Abordagens interdisciplinares".

Isabel Maria Fidalgo Mateus doutorou-se em Literatura Portuguesa pela Universidade de Birmingham (Reino Unido), em 2006, onde também leccionou Língua e Literatura Portuguesas. Publicou vários artigos e apresentou comunicações em conferências internacionais sobre Miguel Torga e Literatura de Viagens. Escreve ainda contos de tendência regionalista, publicados quinzenalmente no Jornal O Informativo de Bragança. Das suas publicações destaca-se o livro A Viagem de Miguel Torga (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2007). Em colaboração com a Universidade de Birmingham, está a preparar um dos capítulos do livro acerca da antologia em Portugal intitulado "Anthology and Travel Writing", com edição prevista para 2008.

Ana Luísa Vilela é investigadora do Centro de Estudos em Letras e Professora Auxiliar na Universidade de Évora (Departamento de Linguística e Literaturas), onde lecciona Literatura Portuguesa dos séculos XIX e XX. Interessa-se sobretudo por obras e autores do século XIX e em particular por Eça de Queirós (sobre o qual trabalhou na sua tese de doutoramento, defendida em 2003 e orientada pelo Prof. Carlos Reis). Tem colaborado em colectâneas, revistas,

livros e dicionários literários com artigos e ensaios sobre Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Miguel Torga, Agustina Bessa-Luís, Florbela Espanca, entre outros.

Joachim Michael ensina literatura e cultura ibero-americana na Universidade de Hamburgo. Se doutorou na Universidade de Friburgo (Alemania) sobre telenovelas latino-americanas (*Telenovelas in Lateinamerika: intermediale Gattungspassagen und kulturelle Zäsur*, em preparação). Co-editou *As Américas do Sul. O Brasil no contexto latino-americano* (2001), *Passagens de gêneros na cultura brasileira. Lusorama* (2003), *Massenmedien und Alterität* (2004), *Imágenes en vuelo, textos en fuga. Identidad y alteridad en el contexto de género y medio* (2004).

Teresa Araújo é docente na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, onde se doutorou em 2000. Dedica a sua investigação às relações da Literatura Portuguesa e Espanhola, bem como à Literatura Tradicional, e apresenta com regularidade os seus estudos em Congressos nacionais e internacionais, assim como em obras de autoria conjunta e própria. Entre as suas últimas comunicações, encontra-se "O acervo poético de Juan Menéndez Pidal, uma fonte do comparativismo teofiliano" (Congreso Internacional Relaciones Linguísticas y Literárias entre Portugal y España desde el Siglo XIX al Siglo XXI. Universidad de Salamanca, 2007), "Lumières et ténèbres: l'Espagne dans le quatrième jour", Colloque International Comémorations du Centenaire de la Naissance de Miguel Torga, Centre Culturel Calouste Gulbenkian, Paris, 17-18 de Outubro de 2007) e "Portugal e Espanha: os vínculos de uma configuração seiscentista" (Colóquio Internacional Portugal e Espanha: a construção do outro, Universität Basel, 2008); entre as suas publicações mais recentes, *Portugal e Espanha: Diálogos e Reflexos Literários* (2004), "Um esboço dos *Romances Velhos em Portugal*", *in* Rafael Alemany *et al.* (coord.), *Actes del X Congrés Internacional de l'Asociació Hispânica de la Literatura Medieval* (2005: 283-293) e "A dramaturgia de autores

portugueses, em língua espanhola (Sécs. XVI-XVIII): notas de uma investigação em curso", *À Beira* (2007: 157-176).

Teresa Cristina Cerdeira é professora de literatura portuguesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora do CNPq. Doutoramento em 1987 sobre José Saramago. Autora de *José Saramago: entre a história e a ficção, uma saga d portugueses* (Dom Quixote, 1989); *O avesso do bordado* (Caminho, 2000). Organizou ainda: *A experiência das fronteiras* (EdUFF, 2002) e, com outros organizadores, *A Primavera toda para ti* (Presença, 2004).

Karl Heinz Delille é licenciado (1963) e doutorado (1969) pela Universidade de Bonn. Leitor do DAAD (1963-1969), Professor Extraordinário (1969-1980) e Professor Associado Convidado (1980-2004) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, onde leccionou, entre outras, as cadeiras de *Linguística Alemã* e *Teoria da Tradução Literária*, áreas em que orientou várias dissertações de Doutoramento e de Mestrado. As suas publicações incidem sobre temas de Linguística Portuguesa e Alemã, Tradução Literária no contexto luso-alemão, Relações Culturais entre Portugal e Alemanha. Como membro do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (CIEG) tem, nestes últimos anos, desenvolvido o projecto: «A moderna literatura portuguesa em tradução alemã». Entre 1976 e 1997, dirigiu o Goethe-Institut de Coimbra.

Maria Madalena Marcos Carlos Teixeira da Silva é professora auxiliar na Universidade dos Açores, onde é docente desde 1991. Apresentou doutoramento em 2005, com uma tese intitulada *O Novo Rosto do Paraíso. Diálogos com a Infância*, sobre imagens literárias da infância e a sua relação com a vivência do espaço e do tempo, bem como com a concepção do ser e da palavra poética, enquanto preocupações centrais da modernidade. Os seus interesses de investigação situam-se nas áreas da literatura portuguesa moderna e contemporânea e da literatura para crianças, tendo ainda

desenvolvido algum trabalho sobre aspectos da comunicação literária.

Maria Lúcia Dal Farra é titular de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Sergipe (Brasil) e pesquisadora do CNPq. Tem publicados *O narrador ensimesmado* (São Paulo, Ática, 1978), *A alquimia da linguagem* (Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986), *Florbela Espanca, Trocando Olhares* (Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1994), *Florbela Espanca* (Rio de Janeiro, Agir, 1995), *Poemas de Florbela Espanca* (São Paulo, Martins Fontes, 1996), *Florbela Espanca, Afinado Desconcerto* (São Paulo, Iluminuras, 2002). Tem ainda (publicados pela Iluminuras) dois livros de poemas, *Livro de auras* (1994) e *Livro de possuídos* (2002), além das ficções *Inquilina do intervalo* (2005).

Luisa Costa Hölzl nasceu em 1956 em Lisboa. Frequentou a Escola Alemã de Lisboa desde o jardim infantil até terminar o liceu (Abitur). Estudos universitários na Universidade de Munique, RFA, de 1975 a 1980: licenciatura em literatura francesa, literatura alemã e linguística. 1983 diploma em pedagogia de adultos.
Tem publicado pequenos textos em prosa e poemas em várias revistas e antologias, em alemão e em português. Juntamente com uma colega brasileira tem vindo a desenvolver em Munique eventos culturais de língua portuguesa, como serões de poesia ou leituras com autores portugueses. Vive em Munique, dá aulas de português língua estrangeira em escolas de línguas (*Volkshochschule*) e é docente de português na Universidade de Munique.

NORMAS DE EDIÇÃO

A revista *Veredas* é publicada duas vezes por ano (Junho e Dezembro). A redação agradece o envio de originais relacionados com qualquer aspeto da língua e das culturas lusófonas, especialmente aqueles que adoptarem uma perspectiva inovadora e interdisciplinar. Os artigos deverão ser escritos em português, seguindo, preferentemente, o novo acordo ortográfico, e não terão uma extensão maior de 3 000 palavras, incluindo a relação de referências citadas, um resumo de 300 palavras em inglês e português e uma breve nota biográfica do/a autor/a. Os trabalhos deverão ser originais e não estar sendo submetidos a revisão em qualquer outra publicação científica.

A revista *Veredas* rege-se pelo estilo de citação da MLA.

Todos os trabalhos enviados serão submetidos a avaliação por pares pelo sistema de "ocultação dupla", pelo qual nenhuma referência ao nome do/a autor/a será admitida no texto, além das citações de publicações próprias. É por isto, que a identificação do/a autor/a e da sua Universidade deverá ser enviada em folha à parte para o endereço da revista.

Os originais, por duplicado, devem ser enviados ao seguinte endereço:

Revista *Veredas*
Faculdade de Filologia
Departamento de Filologia Galega
Universidade de Santiago de Compostela
15782, Santiago de Compostela, Galiza.